**O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CAMINHOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

Ana Larissa da silva e silva[[1]](#footnote-1)

Grazyelle reis dos santos[[2]](#footnote-2)

Jessica Dias Monteiro Cardoso[[3]](#footnote-3)

Fernando Mattiolli Vieira [[4]](#footnote-4)

Programa Residência Pedagógica, curso de História[[5]](#footnote-5)

Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas e as experiências vivenciadas pelos alunos do curso de Licenciatura plena em História que estão inseridos no programa Residência Pedagógica, financiado pela CAPES, com o intuito do aprimoramento das rotinas pedagógicas dos graduandos por meio de implementações de projetos de incentivo a novas práticas de ensino de História na rede de educação básica. As atividades estão sendo desenvolvidas em escolas na região do Vale do São Francisco. Na cidade de Juazeiro-Ba, a escola selecionada foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Neste polo os residentes desenvolveram atividades buscando atender as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo elas o uso de fontes históricas em sala de aula e o trabalho com temas transversais. Visto isso, abordaremos os conceitos que são base estruturante para a feitura e aplicação do projeto em sala de aula. Também, serão traçados paralelos entre o ensino de história, e sua importância no contexto político atual, e por fim pontuaremos as perspectivas, aperfeiçoamentos e os desafios encontrados ao longo do programa residência pedagógica para a formação de professores.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica, Ensino de História, Formação.

**Introdução**

O programa Residência Pedagógica foi instituído e fomentado pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior com o [edital nº 06/2018], e implantado na Universidade de Pernambuco nos cursos de Licenciatura. Tem como objetivo principal aprimorar a prática docente pelos estudantes de graduação, antes da conclusão do curso, para que haja o fomento a qualificação dos futuros professores e desta forma, uma educação básica de qualidade. O programa residência pedagógica dá continuidade à prática de aperfeiçoamento dos alunos nos últimos anos do curso, e funciona como um estágio prolongado com duração de 18 meses; o que permite ao discente a elaboração de um projeto mais longo e aprofundado e a execução deste em sala de aula de uma forma mais coesa, oferecendo uma experiência de docência necessária e de extrema relevância para a formação profissional de educadores.

O curso de Licenciatura em História, da Universidade de Pernambuco – *campus* Petrolina, tem residentes desenvolvendo projetos em três escolas públicas de ensino médio do Vale do São Francisco, nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE. O foco desse trabalho está voltado para a escola campo de Juazeiro, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, que é localizado as margens da rodovia BA 210, no sentido Juazeiro-Sobradinho. O Instituto Federal *campus* Juazeiro oferece cursos técnicos em Administração e Segurança do Trabalho, que estão integrados ao ensino médio. Os estudantes permanecem na Instituição de forma integral durante três dias da semana, onde cursam cerca de dezoito a vinte disciplinas por ano letivo, pois fazem parte do componente curricular que abarca o curso técnico.

O IFBA é uma escola que faz parte de uma rede de institutos espalhados pelo país e que tem como objetivo principal a junção do ensino médio regular ao ensino técnico. O *campus* Juazeiro foi inaugurado no endereço atual no ano de 2015. Sua localização, em um bairro periférico, afastado do centro da cidade, ao mesmo tempo em que se aproxima de alunos provindos de comunidades mais carentes, é prejudicial para a locomoção dos estudantes de bairros mais distantes. O IFBA encontra-se ao lado de um conjunto habitacional construído pelo programa do governo “Minha casa, minha vida”, que em alguns casos permite uma moradia mais próxima para os alunos que saíram de suas cidades natais, para estudar no Instituto Federal em busca de educação como ponte para uma melhor qualidade de vida.

Visando ofertar educação gratuita e transformadora de realidades em áreas de vulnerabilidade social. Sob a fundação da Instituição em si, há a premissa de “promover a formação do cidadão histórico-crítico, oferecendo ensino, pesquisa e extensão com qualidade socialmente referenciada, objetivando o desenvolvimento sustentável do país” (PDI-IFBA, 2014, p.31).

Por tratar-se do fruto de uma iniciativa do governo federal para a expansão da interiorização da Rede de Educação Profissional Técnica e Tecnológica, a infraestrutura da escola é de ótima qualidade; com salas climatizadas, laboratórios de computação, desenho, sala de vídeo, biblioteca, quadra poliesportiva coberta, etc. Conta com um corpo docente de professores de alta graduação e um extenso quadro de servidores, entre administradores, diretores, psicólogos e psicopedagogos para dar atenção a saúde mental dos alunos. É notável a tentativa de construção de uma cultura escolar que inclua os alunos ao máximo no cotidiano da instituição, não restrito apenas as salas de aula, mas um esforço de aproximação e ocupação do espaço escolar pelos estudantes. O que reverbera em uma relação mais próxima entre os alunos, professores, gestores, funcionários, ou seja, toda a comunidade escolar.

Quanto a atuação dos residentes no programa, está se deu por etapas: inicialmente em reuniões com o professor orientador Fernando Mattiolli Vieira; em seguida, já na escola, elaboramos o plano de atividades; logo, foi o momento de observação das aulas; a regência, e por fim encerramos com a observação da III unidade letiva em aulas ministradas pela preceptora Grazyelle Reis dos Santos até findar o ano de 2019. Para a atuação da residência no Instituto, a escola campo recebeu dez residentes que foram divididos em cinco duplas, ocupando cinco turmas dos cursos de administração e segurança do trabalho, da primeira e segunda series do ensino médio integrado.

O plano de atividades que norteou nosso trabalho foi elaborado por todos os residentes em conjunto com a preceptora. Nele tivemos duas vertentes estruturantes: a primeira foi o trabalho com fontes históricas; e a segunda foi a adoção de um tema transversal voltado para “As práticas de violência na região do Vale do São Francisco”. O uso de fontes históricas nesse processo de ensino-aprendizagem tinha como objetivo propiciar aos estudantes um acesso aos fragmentos do passado, aproximando-os dessa realidade e sensibilizando-os a compreender aspectos específicos das experiências elaboradas neste tempo. Quanto ao tema transversal, seria trabalhado a partir de uma abordagem comparativa entre história local e história global, investigando como certas práticas de violência se instituíram em momentos históricos diversos, e analisar a multiplicidade das formas de expressão da violência e o caráter contextual de todas elas. (Plano de atividades, 2019, p. 4-5).

A turma na qual foi realizado o projeto aqui tratado, foi o segundo ano A de administração, turma composta de vinte e um alunos. Essa sala, especificamente demonstrou ser apática desde o período de observação, o que trouxe um pouco de dificuldade para elaborar um plano de atuação durante a regência, como veremos mais à frente. Contudo, podemos salientar a importância que foi para nossa formação profissional desenvolver atividades nessa turma, visto que as dificuldades acabam formando um profissional multifacetado na adequação de suas práticas.

Durante a II unidade que foi o período da regência, trabalhamos com os conteúdos: As culturas indígenas Américas, a Colonização portuguesa na América, o Brasil Holandês e União Ibérica, Mecanismos de exploração das Américas, e por fim, África em tempos do tráfico Atlântico. Foi desenvolvido também o minicurso sobre violência durante esse período, enquanto as oficinas de fontes históricas foram desenvolvidas na primeira unidade.

Desta maneira, buscaremos nesse texto explicitar nossa atuação no programa residência pedagógica com base na vivencia e na construção de experiências na turma de segundo ano A de administração, onde foi tida a regência. Teremos como objetivo principal abordar a aplicação do plano de atividades, tendo em vista as vertentes estruturantes para a colaboração de um ensino-aprendizagem efetivos para a formação crítica-reflexiva desses alunos; e os desafios e as perspectivas que o programa trouxe e contribuiu para nossa formação docente, considerando a dicotomia existente entre ensino e pesquisa para o curso de História, visto também a deficiência das disciplinas pedagógicas que estudamos na graduação. Deste modo, o programa serviu como um laboratório que proporcionou um aprendizado de imenso valor para nossa formação docente, pois participamos de forma efetiva na elaboração das aulas, atividades, eventos, reuniões e conselhos de classe, onde podemos sentir os desafios diários que o professor enfrenta em sua formação e prática cotidiana.

**Metodologia**

O crescimento em pesquisas e produções nas últimas décadas a respeito do ensino de História e a formação dos professores tem sido significativo para compreendermos a profissão em sua magnitude, principalmente para diminuir a larga distância entre o ensino e a pesquisa, e consequentemente a teoria e a prática. Para desenvolver o trabalho proposto pela Residência Pedagógica buscamos apoio nas produções dos especialistas em Educação, Ensino de História e Historiografia, como também nos documentos que normalizam o curso e a disciplina de História na educação básica.

Durante a vigência da residência, tivemos o apoio teórico para compreender o processo de distanciamento entre ensino e pesquisa em História. Lemos autores como Selva Guimarães Fonseca que analisa em sua obra *Didática e Prática de Ensino de História* (2003) as pesquisas realizadas nos anos 70, 80 e 90 do século XX sobre as mudanças ocorridas no ensino de História e os processos de formação de professores demonstraram a enorme distância – e até mesmo uma discrepância – existente entre as práticas e os saberes históricos produzidos, debatidos e transmitidos nas universidades e aqueles ensinados e aprendidos nas escolas de ensino fundamental e médio (Fonseca, 2003, p.60).

Algumas dessas mudanças caracterizam- se na eliminação dos cursos de História e Geografia do currículo, e com isso houve uma “proliferação dos cursos de Licenciatura Curta em Estudos Sociais, nos anos 1970, que contribuiu, em parte para o afastamento entre universidades e escolas de primeiro e segundo graus e prejudicou o diálogo entre pesquisa acadêmica e o saber escolar, dificultando a introdução de reformulações do conhecimento histórico e das ciências pedagógicas no âmbito da escola” (PCN’S de História - 1997, p. 25).

Nesse contexto, as décadas que seguem os anos 70 e 80, as lutas de profissionais, desde a sala de aula até a universidade, ganharam maior expressão com o crescimento das associações de historiadores e geógrafos, que se abriram aos docentes de primeiro e segundo graus e ampliaram a batalha pela volta de História e Geografia aos currículos escolares e a extinção dos cursos de Licenciatura de Estudos Sociais. (PCN’S de História – 1998, p. 26)

Novas reformulações dos currículos foram feitas, paralelamente, no curso de História como nas ciências pedagógicas, assim, “difundiram-se reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem, nas quais os alunos passaram a ser considerados como participantes ativos do processo de construção do conhecimento – uma perspectiva que infere nas terminologias utilizadas para definir os objetivos de ensino de História” (PCN’S de História – 1998, p. 28)

Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de História pontuam que o ensino está em processo de mudanças substantivas nos objetivos, conteúdos e métodos. Pois, a tentativa de aproximação entre estas duas realidades [...] o saber histórico escolar e as pesquisas e reflexões que acontecem no plano do conhecimento acadêmico [...] nas quais o saber histórico está presente, faz com que a escola se envolva a seu modo no debate historiográfico atual, incorporando parte de suas tensões e contradições (PCN’S de História – 1998, p. 28).

As Diretrizes Curriculares Nacionais de 2001, documento que normaliza o curso de História, propõe competências e habilidades que o aluno de graduação deve ter domínio ao findar o curso, dentre elas, apenas duas são especificas para a licenciatura, sendo:

• o domínio dos conteúdos básicos que são objetos de ensino-aprendizagem no ensino fundamental e médio;

• o domínio de métodos e técnicas pedagógicas que permitem a transmissão do conhecimento para diferentes níveis de ensino;

Sobre as competências e habilidades proposta pelas diretrizes, o doutor em Ciências Humanas, Thiago Rodrigues Nascimento traz em seu texto A formação do professor de História no Brasil: percurso histórico e periodização que “a pesquisa surge como eixo principal na formação desse aluno e deve ser realizada durante os anos de graduação e mesmo após o término desse tempo de estudo. Entretanto, não aparece no corpo do texto nenhuma relação entre os cursos superiores de História e as escolas básicas, o destino de boa parte dos egressos desses cursos (Nascimento, 2013, p. 292).

Selva Guimarães Fonseca reforça dizendo que “o texto das Diretrizes – documento histórico, produção de historiadores brasileiros – aprovado pelo MEC é explícito: os cursos de História devem formar o historiador, qualificado para o exercício da pesquisa. Atendida essa premissa o profissional estará apto para atuar nos diferentes campos, inclusive no magistério (Fonseca, 2003, p. 65)

Contudo, podemos notar uma dupla preocupação quanto as especificidades da licenciatura: o que ensinar – domínio básico dos conteúdos históricos –, e, como deve ensinar – métodos e técnicas de ensino – na disciplina de História na Educação básica? Quanto a isso – o que ensinar, e como ensinar – para as últimas series, os PCN’s do Ensino Médio sugere que:

Na perspectiva da educação geral e básica, enquanto etapa final da formação de cidadãos críticos e conscientes, preparados para a vida adulta e a inserção autônomo na sociedade, importa reconhecer o papel das competências de leitura e interpretação de textos como uma instrumentalização dos indivíduos, capacitando-os à compreensão do universo caótico de informações e deformações que se processam no cotidiano. [...] E esta é a principal contribuição da História no nível médio. (PCN’s Ensino Médio – Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias, p.22)

Sendo nessa etapa da educação que o ensino de História deve se ampliar e consolidar as noções de tempo histórico (PCN’s Ensino Médio – Parte IV, p. 23) nos alunos. A compreensão das noções de tempo histórico em suas diversidades e complexidades pode favorecer a formação do estudante como cidadão, aprendendo a discernir os limites e possibilidades de sua atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica em que vive. (PCN’s Ensino Médio – Parte IV, p. 25).

Para tanto, houve um amplo desenvolvimento da historiografia concedendo ao ensino de História uma maior diversidade metodológica para o uso dos documentos históricos, pois a investigação histórica passou a considerar a importância de outros aspectos para a utilização das fontes além do documento escrito. O aperfeiçoamento dos métodos de interpretação passou a abranger vários registros produzidos pelo homem. (PCN’s Ensino Médio – Parte IV, p. 21)

Os documentos deixaram de ser considerados como o alicerce da construção histórica, sendo eles mesmos entendidos como parte dessa construção em todos seus momentos e articulações. (PCN’s Ensino Médio – Parte IV, p. 22). A partir desse arcabouço teórico, cabe ao professor selecionar temas que abarquem as problemáticas da sociedade contemporânea de modo que esses alunos possam refletir criticamente sobre sua postura quanto agentes históricos e cidadão.

A nova historiografia, desenvolvida a partir da escola dos Annales, proporcionou uma abertura maior par a realização de pesquisas históricas, de maneira que foi possível desenvolver trabalhos na escola campo voltado para o contemporâneo dos alunos sem apagar o passado e sua importância.

Partindo dessa perspectiva, nossa atuação na residência pedagógica teve por objetivo geral estruturar atividades de ensino e aprendizagem na disciplina de História que possibilitassem o aprimoramento dos processos de construção do saber histórico entre os estudantes, pois, como é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de História a partir das novas reformulações dos currículos que foram feitas durante a última década do século XX, houve uma difusão de reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem, nos quais os alunos passaram a ser considerados como participantes ativos do processo de construção do conhecimento histórico (PCN’S de História – 1998, p. 28).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento que norteia Residência Pedagógica, também salienta que as questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual (BNCC, 2017, p. 395). Assim, em nossa prática na sala de aula, ao apresentar os conteúdos estivemos atentas a estar historizisando nossos objetos de estudo, correlacionando com o presente vivido pelos alunos, de maneira que os objetivos propostos em cada aula pudessem ser alcançados.

Em nosso plano de elaboração das atividades da II unidade procuramos nos ater a proposta do plano de atividades, mas também nos adequar a realidade especifica do 2ºA de ADM, uma sala que demostrou uma apatia que beirava a indiferença para com aquilo que estava sendo abordado. Deste modo, com um intuito de que houvesse alguma interação procuramos propor ao longo dos conteúdos expostos nesse período – As culturas indígenas americanas, a Colonização portuguesa na América, Brasil Holandês e União Ibérica, Mecanismos de exploração das Américas, e África em tempos do tráfico Atlântico – causar reflexões pertinentes sobre o passado tomando como ponto de partida fatos do presente.

Nesse processo os livros didáticos foram nossos aliados, mas não foi o único recurso utilizado, fizemos o uso de fontes históricas variadas – em sua grande maioria iconográficas e audiovisuais além do uso de mapas. Esses recursos foram de imensa importância para analisar e problematizar os fatos históricos que estavam sendo discutidos, pois, para pensarmos o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram (BNCC, 2017, p, 396). Considerando as dificuldades que o ensino de História tem enfrentado para proporcionar aos estudantes da atualidade um ensino em História que faça sentindo no cotidiano de cada um, e que possa possibilitar um exercício reflexivo e autônomo que seja de qualidade e prazeroso.

**Discussão e resultados**

Atualmente no Brasil, são inúmeros os problemas que perpassam o ensino de história, principalmente na rede pública de educação. É relevante então, discorrer acerca de alguns deles: é perceptível o afastamento entre a produção cientifica do conhecimento histórico que é feita na academia para com aquele que é disseminado na educação básica, há uma nítida dissociação entre ambos, no sentido de que muitas vezes as discussões travadas na esfera acadêmica não alcançam o ambiente escolar. Isto fica claro quando Bittencourt (2004) explana sobre as ambivalências e contradições da disciplina com relação aos currículos. O currículo pré-ativo, aquele que é escrito pelo poder educacional instituído não se assemelha de forma alguma com o currículo interativo, que é aquele construído na prática, pelo cotidiano de sala de aula, para o que a autora afirma que devem-se buscar possíveis articulações entre ambos.

Nota-se ainda hoje, uma continuidade de certas concepções positivas da história, perceptivelmente presentes no senso comum e que acabam se cristalizando no pensamento dos estudantes, e isto, por sua vez se manifesta de diversas formas na vivência da sala de aula. Uma evidência disso é a forma como a história é ensinada ainda hoje, de forma decorativa, centrada em grandes nomes e eventos políticos. A modernização dos currículos se faz mais que necessária pois os próprios conteúdos que são estudados ainda são de base eurocêntrica, e seguem uma ótica europeia dos mesmos. A forma como a história é ensinada nas escolas muitas vezes difere violentamente da forma como os historiadores entendem a mesma atualmente. Não se percebe com relevância as noções de verdade sendo desconstruída, de modo que o aluno não adquire a capacidade de problematizar o assunto estudado, mas toma-o como a verdade dos fatos. Segundo Knauss (1996) o aluno deve ser levado a problematização do objeto, sendo esta uma postura complexificadora da realidade, para o autor a sala de aula funciona ou deveria funcionar como lugar de pesquisa, desta forma, o ensino de história se daria como iniciação ao pensamento histórico.

Neste sentido, como base norteadora de nossas ações em sala de aula, procuramos estabelecer relações pertinentes no que diz respeito a desmistificação de conceitos já estabelecidos, problematizando as noções de verdade, cultura, civilização, etc. além de realizar uma explanação básica sobre o próprio processo de escrita da história, de modo que os estudantes possam compreender que os conteúdos estudados por eles não partem de uma leitura “verdadeira” do passado, mas de interpretações e correntes de pensamento que dialogam com seus contextos históricos.

A formação de um pensamento crítico do mundo, onde os alunos/as possam se enxergar enquanto sujeitos históricos, ou seja, se verem enquanto sujeitos e agentes da história, estabelece uma relação direta com a aproximação que se dá entre o conteúdo abordado e a vivência diária dos mesmos, para que se possa estabelecer uma ponte entre o passado e o presente. Para Schmidt, deve haver uma problematização histórica transportada para o ensino. Segundo a autora “o objetivo é fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História” (SCHMIDT) ou seja, a realização na sala de aula da própria atividade do historiador. Ela ainda atenta para a importância da utilização de fontes em sala de aula como fator para a superação da ideia do documento como prova do real.

Para que os objetivos do ensino de história ocorram de maneira efetiva, ou seja, para que ele extrapole a sala de aula, e possa desenvolver relações com a realidade do mundo exterior a escola, como primeira atividade desempenhada pelos residentes foram realizadas oficinas sobre fontes históricas, na qual foram trabalhadas as ideias relativas ao alargamento do que são fontes históricas, trazendo para mais perto dos estudantes para que estes possam entender que qualquer produção humana pode ser considerada como fonte, uma vez que faz parte de um contexto histórico. Também buscamos estabelecer a noção de que as produções realizadas pelos próprios alunos são fontes uma vez que eles também são agentes históricos, e por isto mesmo, produtores de história. Esta noção é muito rica e possibilita o conhecimento de que a história faz parte do cotidiano de todos, não estando somente relacionada a contextos políticos de uma elite intelectual e econômica.

A primeira oficina, intitulada História Integra, fez parte do evento Integra IFBA que aconteceu no primeiro dia letivo de 2019. O evento teve como principal objetivo integrar e dar as boas-vindas aos novos alunos, e comunidade escolar de modo geral. A oficina História Integra, buscou de modo lúdico e didático apresentar fontes históricas para os alunos, de maneira a causar inquietações e reflexões sobre o espaço em que ocupam na sociedade/comunidade a qual pertencem. Visto o excessivo consumo musical nos últimos tempos, propomos a análise crítica desse produto, pontuando que música é um tipo de fonte histórica e que há várias questões sociais, temporais e históricas inseridas nelas que podem ser trabalhadas em sala de aula. Assim, com o intuito de integrar e estimular a socialização, os alunos analisaram músicas coletivamente com o apoio das residentes. Após a socialização, pudemos identificar o êxito nos objetivos específicos dessa atividade sendo estes: sensibilizar os alunos sobre as fontes históricas; desconstruindo a noção de que elas são constituídas apenas por documentos oficiais de estado, integrar esses alunos a coletividade da Instituição; Analisar Fontes Históricas, especificamente músicas contemporâneas.

A segunda oficina ofertada, intitulada “Fontes Históricas: Documentos para a investigação da História”, tratou-se da oficina previamente proposta no Plano de Atividades que foi elaborado para nortear nossas atividades no ano letivo de 2019, a mesma deveria ser ministrada em cada sala pelos residentes que assumiriam a regência posteriormente. Essa oficina, foi pensada com o intuito de instigar a sensibilização e reflexão dos alunos para as possibilidades que disciplina de História oferece, pensando os estudantes como agentes formadores de História.

Na sala em questão, 2º ano A de Administração, trabalhamos com um recorte da Fonte Oral, que está sendo desenvolvida pela aluna de Graduação em História para seu Trabalho de Conclusão do Curso, e também residente, Ana Larissa Silva e Silva, intitulado “Corpos errantes: a prostituição entre discursos e práticas na contemporaneidade”. O objetivo de trazer essa proposta foi mostrar aos alunos e inquieta-los em relação aos assuntos sobre o cotidiano, e principalmente um que dificilmente é comentado na sociedade. A terceira atividade de intervenção caracterizou-se pelo minicurso intitulado “Violência e História: olhares sobre o passado e presente”, nele buscamos apresentar as formas de violências que fazem parte do nosso cotidiano e que apenas nas últimas décadas começaram as produções de pesquisas definindo-a em tipologias.

Inicialmente discutimos o conceito elaborado pela filósofa judia Hannah Arendt sobre violência, de um modo mais amplo, para em seguidas serem apresentadas as tipologias e suas definições elaboradas pelo cientista político Xavier Crettiez sendo elas: violência física, violência simbólica, violência coletiva, violência institucional, violência política e violência extrema acompanhadas de exemplificações iconográficas – fotografias, pinturas e charges referentes aos eventos contemporâneos correlacionando com eventos históricos do passado associados aos conteúdos que estavam sendo trabalhados anteriormente. Conseguimos visualizar a eficácia da atividade proposta, quando posteriormente os alunos conseguiram identificar os diferentes tipos de violência dentro de outros temas trabalhados.

**Considerações Finais**

A experiência de docência na residência pedagógica, tida durante a segunda unidade do ano letivo, tem sido de imenso valor para a formação enquanto educadores pois nos possibilita o exercício da prática docente em toda a sua complexidade. O que envolve aspectos como a didática utilizada, a abordagem pensada para a aplicação de cada conteúdo, os métodos necessários e mais eficazes para tornar as aulas mais atraentes e estimulantes aos estudantes, bem como noções diárias e conhecimentos empíricos que não podem ser aprendidos em livros, tais como a maneira que se desenvolvem as relações em sala de aula. Além da importância fundamental que o afeto exerce na nossa prática diária. A educação é antes de tudo uma relação humana, e como tal, diversas são as variantes que resultarão em resultados positivos e ou negativos em sua formulação.

Ensinar história possibilita um conhecimento que pode ser libertador de amarras sociais e culturais impostas, uma vez, que se realizado em sua magnitude, ele permite o entendimento de trajetórias historicamente construídas, a desnaturalização das coisas ao nosso redor. Portanto, fica clara a importância da história para a formação de uma consciência crítica nos indivíduos, em sua relação com eles mesmos e com o mundo que o cerca.

**Referências Bibliográficas**

**Fontes:**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular, 2017.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: História. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Parte IV. p.21-30.

Plano de Atividades do Projeto Residência Pedagógica. IFBA – Unidade Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. CAPES, 2019.

**Bibliografia**

CRETTIEZ, Xavier. *As formas da Violência*. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de

pesquisa. In: NIKITIUK, Sonia. Repensando o ensino de História, 2001, p.

26-46.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. org. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FONSECA, Thaís Nívia L. A história do ensino de História: objeto, fontes e

historiografia. In: História e ensino de História, 2006, p. 15-28.

SCHIMDT, Maria A. A formação do professor de História e o cotidiano em

sala de aula. In: O saber histórico em sala de aula. 2004, p. 54-68.

1. Graduanda em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Juazeiro. Preceptora do Programa de Residência Pedagógica em História da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduanda em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-3)
4. Prof. Adjunto do curso de História, *campus* Petrolina. Coordenador do Programa Residência Pedagógica em História nessa unidade. [↑](#footnote-ref-4)
5. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). [↑](#footnote-ref-5)